



BREAKING BOUNDARIES

(Counter) accounts during
the pandemic

Letters for future generations

ROMPRE LES BARRIÈRES

(Contre) rapports sur la
pandémie

Lettres aux générations futures

ROMPENDO BARREIRAS

Contra-relatos diversos
durante a pandemia

Cartas e mensagens para as
gerações futuras

ROMPIENDO FRONTERAS

(Contra) cuentas durante
la pandemia

Cartas para futuras generaciones

EDITORIAL TEAM: Diane-Laure Arjaliès, Yves Gendron, Cheryl Lehman, Paula Andrea Navarro Pérez, João Paulo Resende de Lima, Sílvia Pereira de Castro Casa Nova, Greg Stoner, Mary Analí Vera-Colina

PROJECT MANAGER: Julia Bevacqua

GRAPHIC DESIGNERS: Chris Hansen, Lisa Peter Ross

ISBN: 978-0-7714-3163-0

© 2021. This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA. / © 2021. Cette œuvre est protégée par la licence Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Pour consulter une copie de cette licence, visitez le site <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> ou envoyez un courrier à Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA. / © 2021. Esta obra está licenciada sob a Licença Internacional Creative Commons Attribution-Non Commercial 4.0. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, EUA. / © 2021. Esta obra se encuentra bajo la licencia Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Para ver una copia de esta licencia, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> o envíe una carta a Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.



Acknowledgments / Remerciements / Agradecimentos / Agradecimientos

The editors would like to thank an anonymous donor for funding the layout of this digital book. The editors would also like to thank the Ivey Business School and the University of São Paulo for providing in-kind communications support. / Les éditeurs tiennent à remercier un donateur anonyme pour le financement de la mise en page de ce livre numérique, ainsi que la Ivey Business School et l'Université de São Paulo pour leur soutien en nature en matière de communication. / Os editores e as editoras gostariam de agradecer a um doador anônimo por financiar o layout deste livro digital e à Ivey Business School e à Universidade de São Paulo por fornecerem apoio institucional na comunicação. / Los editores desean agradecer a un donante anónimo la financiación del diseño de este libro digital y a Ivey Business School y a la Universidad de São Paulo el apoyo en especie en materia de comunicación.

Disclaimers / Avis de non-responsabilité / Isenções de responsabilidade / Descargo de responsabilidad

In an attempt to make this book as accessible to as many people as possible, translations have been provided by editors and contributors and with the help of online translation tools. Translations may contain some grammatical or contextual errors. / Afin de rendre ce livre accessible au plus grand nombre, les traductions ont été fournies par les rédacteurs et les contributeurs, souvent avec l'aide d'outils de traduction en ligne. Les traductions peuvent contenir quelques erreurs grammaticales, de sens ou contextuelles. / Em uma tentativa de tornar este livro o mais acessível possível ao maior número possível de pessoas, as traduções foram elaboradas pelos editores e pelas editoras, pelos colaboradores e colaboradoras e, também, com o apoio de ferramentas de tradução on-line. As traduções podem conter alguns erros gramaticais e/ou contextuais. / En un intento por hacer este libro lo más accesible posible para el mayor número de personas, las traducciones han sido proporcionadas por los editores y colaboradores y se han soportado en la ayuda de herramientas de traducción en línea. Consecuentemente, las traducciones pueden contener algunos errores gramaticales o contextuales.

Original submissions from contributors have been left unaltered as much as possible and may contain some grammatical or contextual errors. / Les textes originaux des contributeurs n'ont pas été modifiés dans la mesure du possible et peuvent contenir des erreurs grammaticales, de sens ou contextuelles. / As contribuições originais dos colaboradores e das colaboradoras foram deixadas o mais próximo possível da submissão original e, por isso, podem conter alguns erros gramaticais ou contextuais. / Las obras originales de los colaboradores se han dejado inalterados en la medida de lo posible y pueden contener algunos errores gramaticales o contextuales.

Contribution review process: The contributions submitted to this project were peer-reviewed by at least two members of the editorial board. Editorial decisions were taken by the editorial board, relying on the advice of the reviewers. The submissions that were linked to the initiative and represented meaningful and persuasive accounts and counter-accounts of the COVID-19 pandemic were accepted, with minimal revision and editing in order to preserve the original format and expressions of the contributors. / Processus d'évaluation des contributions : Les contributions soumises au projet « Rompre les barrières » ont été évaluées par au moins deux membres du comité de rédaction. Les décisions éditoriales ont été prises par le comité de rédaction, en s'appuyant sur l'avis des évaluateurs. Les contributions liées à l'initiative et représentant des récits et contre-récits significatifs et convaincants de la pandémie de COVID-19 ont été acceptées, avec une révision et une édition minimales afin de préserver le format et les expressions originales des auteurs. / Processo de revisão das contribuições: As contribuições submetidas a este projeto foram revisadas por pelo menos duas pessoas membros do conselho editorial. As decisões editoriais foram tomadas pelo conselho editorial, contando com o parecer dos/as revisores/as. As contribuições que estavam articuladas com a iniciativa e representavam relatos e (contra) relatos significativos e eloquentes da pandemia COVID-19 foram aceitas, com revisão e edição mínimas, a fim de preservar o formato original e a forma de expressão das pessoas que enviaram suas contribuições. / Proceso de revisión de las contribuciones: las contribuciones/trabajos que fueron postulados a este proyecto fueron arbitrados al menos por dos integrantes del comité editorial. Las decisiones de aprobación fueron tomadas por el comité editorial con base en las recomendaciones de los árbitros. Los trabajos que estaban relacionados con la iniciativa y que representaban relatos y contra-cuentas significativos y persuasivos sobre la pandemia COVID-19 fueron aceptados, procurando solicitar ediciones y correcciones mínimas para preservar el formato original y las expresiones propias de sus creadores.

contents conteúdo

how to read this book

This book is in four different languages: English, French, Portuguese, and Spanish. To ensure impartiality, we have not standardized the order that languages appear. Where possible, we have translated content into multiple languages, such as through multilingual abstracts, but only present contributions in their original language. Each piece's original language is indicated in the top left corner on its first page. This book also has a mix of written, visual, video, and audio content. Symbols indicating the content type are in the bottom left corner on each piece's first page. We hope you enjoy this inclusive and unique approach.

comment lire ce livre

Ce livre est en quatre langues différentes : l'anglais, l'espagnol, le français et le portugais. Par souci d'égalité, nous n'avons pas normalisé l'ordre d'apparition des langues. Dans la mesure du possible, nous avons traduit le contenu en plusieurs langues, notamment par le biais de résumés multilingues, mais nous ne présentons les contributions que dans leur langue d'origine. La langue d'origine de chaque article est indiquée dans le coin supérieur gauche de la première page de l'article. Ce livre comporte également un mélange de contenu écrit, visuel, vidéo et audio. Les symboles indiquant le type de contenu se trouvent dans le coin inférieur gauche de la première page de chaque document. Nous espérons que vous apprécierez cette approche inclusive et unique.

como ler este livro

Este livro está escrito em quatro idiomas: inglês, francês, português e espanhol. Para garantir a imparcialidade, não padronizamos a ordem de aparecimento dos idiomas. Sempre que possível, traduzimos o conteúdo em vários idiomas, como é o caso dos resumos multilíngues mas no caso das contribuições em si, elas são apresentadas apenas em seu idioma original. O idioma original de cada contribuição é indicado no canto superior esquerdo na primeira página em que ela aparece. Este livro também traz uma mistura de diferentes tipos de conteúdo: escrito, visual, vídeo e áudio. Os símbolos que indicam o tipo de conteúdo estão no canto inferior esquerdo na primeira página de cada contribuição. Esperamos que você aprecie esta abordagem inclusiva e única.

cómo leer este libro

Este libro está en cuatro idiomas diferentes: Inglés, francés, portugués y español. Para garantizar la imparcialidad, no hemos estandarizado el orden en que aparecen los idiomas. En la medida de lo posible, hemos traducido el contenido a varios idiomas, por ejemplo, a través de resúmenes multilingües, pero sólo presentamos las contribuciones en su idioma original. El idioma original de cada contribución se indica en la esquina superior izquierda de su primera página. Este libro también tiene una mezcla de contenido escrito, visual, de vídeo y de audio. Los símbolos que indican el tipo de contenido se encuentran en la esquina inferior izquierda de la primera página de cada obra. Esperamos que disfrute de este enfoque inclusivo y único.

editorials

- 8. . . . Editorial (English)
- 12. . . . Éditorial (Français)
- 16. . . . Editorial (Português)
- 20. . . . Editorial (Español)
- 24. . . . Editorial message from Cheryl Lehman & Greg Stoner
- 33. . . . Message éditorial de Diane-Laure Arjaliès & Yves Gendron
- 45. . . . Mensagem editorial de João Paulo Resende de Lima & Sílvia Pereira de Castro
Casa Nova
- 62. . . . Mensaje editorial de Paula Andrea Navarro Pérez & Mary Analí Vera-Colina

participantes

- 409. . . Fotos y biografías
- Photos and bios
- Photos et biographies
- Fotos e biografias

contents conteúdo

conteúdo conteúdo

1

71 Breaking our silence

Briser notre silence

Rompendo nosso silêncio

Rompiendo nuestro silencio

- 72 . . . Revisão dos códigos de existência 2020
- 76 . . . Who speaks for nonhumans? Reimagining accounting in the anthropause
- 80 . . . On the giving and receiving of accounts
- 84 . . . Chronic illness and the working from home fairy-tale
- 89 . . . Voces enmudecidas en tiempos de pandemia: Ausencia de la prostitución en la contabilidad nacional colombiana
- 96 . . . Maracá - Emergência Indígena
- 98 . . . Diverse voices on disability advocacy during the pandemic in the US
- 102 . . . Las voces de una nueva realidad
- 104 . . . Of viruses and men: the dangerous pandemic in the social sciences

2

109 Ouvrir les liens

Rompendo conexões

Rompiendo conexiones

Breaking connections

- 110 . . . Humains sans visage : Des formes et des frontières poreuses
- 113 . . . Once upon a time I was a refugee in lockdown
- 121 . . . La délation peut-elle être civique?
- 124 . . . Friendship and beyond: Unlocking boundaries for unleashing positivity
- 139 . . . Distanciation sociale / COVID-19
- 142 . . . O amor para contadores
- 144 . . . Agents of shield
- 147 . . . Coronavirus fear explodes on planet earth
- 150 . . . Borders, fences, red areas

3

153 Rompendo limites geográficos

Rompiendo fronteras geográficas

Breaking geographical boundaries

Transcender les frontières géographiques

- 154 . . . La suite du monde
- 163 . . . Les territoires du COVID-19 : Analyse d'une propagation virale au gré d'une mutation territoriale
- 168 . . . Pandemia desde que Brasil é Brazil
- 170 . . . Portal

4

173 Breaking our ways of expression

Réinventer nos modes d'expression

Rompendo nossas formas de expressão

Cambiando nuestras maneras de expresar

174. . A letter to COVID-19

189. . Époque de transiciones

192. . How the COVID-19 pandemic made me into a researcher-activist for the arts

198. . Un nuevo mundo

5

221 Expérimenter avec de nouvelles normalités

Irrompendo em um novo normal

Hacia una nueva normalidad

Breaking into a new normal

222. . Coronavirus pandemic: Personal account from New Jersey, US

228. . Isolation day 4

230. . Genève au temps du COVID-19: Journal de bord d'un chargé d'enseignement

236. . STOP!!!

238. . O contador

240. . De l'impensable au vécu : Comptabilisation des faits au service des générations futures

245. . Instructivos para una cotidianidad reinventada por la pandemia

262. . No meio da rua do mundo

264. . Já não somos os mesmos de antes

266. . Callousness & empathy

270. . Art in the time of COVID-19

272. . Les paradoxes de l'épidémie ; Une leçon pour la prise de décision

278. . Le tableau de bord perd le Nord

280. . It got us thinkin'

6

283 Rompendo com nossas práticas acadêmicas

Deshaciendo nuestras prácticas académicas

Breaking our academic practices

Réinventer nos pratiques académiques

284. . The Seed(zine)

311. . Uma pandemia na trajetória da pesquisa: Quando a casa torna-se o coração da sala de aula

317. . Cartas do sentir - Cartas reflexivas pautadas na pandemia do COVID-19

322. . Experiências e narrativas de um professor: Aprendendo a aprender adaptar-se na pandemia

331. . Contadora contando la pandemia

336. . Diário e sentimentos!

339. . Professora na pandemia

342. . Dias estranhos - Espera de dias melhores

347. . Los efectos de la virtualidad en el pensamiento crítico de los estudiantes de contaduría

353. . A contabilidade no aqui e agora: relatos de um pernambucano em doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro

7

357 Rompiendo el sistema

Breaking the system

Repenser le système

Quebrando o sistema

358. . Lest we forget what contributes to our healthcare

362. . Élever notre leadership collectif pour éviter d'être victime de la nouvelle comptabilité pandémique

367. . El COVID-19 y el confinamiento: un test ácido para nuestras organizaciones

371. . RSE em tempo de pandemia - um desafio para a Contabilidade e empresas

376. . Accounting for COVID universities

378. . A missão do contador nas crises

381. . Oser la rencontre avec le monde pour le transformer : plaidoyer pour un désenclavement de la recherche en sciences de gestion

388. . Balance de situación de la pandemia COVID-19 en España. Las cuentas de una sociedad quebrada

390. . To lockdown or not to lockdown?

393. . Entangled boundaries of health, politics, and class: Crisis American style as of August 2020

398. . Un effet paradoxal du confinement

403. . There was a time in which...

405. . COVID-19 / Soutien



In October 2019, before COVID-19 hit our lives, Mary, Yves, Cheryl, Greg, Silvia and other colleagues gathered in Bogota for the QRCA conference. Months later, they keep working together in the Breaking Boundaries initiative and other projects.

Submitted by: Mary Vera-Colina
Credit: Unknown

editorial message

from Cheryl Lehman & Greg Stoner

Imaginations have no boundaries

English

Breaking Boundaries has been a project of exploring personal, behavioural and belief boundaries needing disruption and illumination. One significant boundary contested in this collection relates to mediums of communication, particularly in “scholarly publications”. Challenging the dominance of written and English language texts for esteem and status this book breaks not just the hegemony of English, but also that of the written word. In breaking this communication boundary, we illuminate how enquiry, ideas, accountability and justice are represented in a COVID world, giving voice to diversity, transformation, vulnerability and power relationships. It also makes writing this editorial discomfiting, as it could be read as a way of rendering that diversity into a single voice. That is not what we mean to do here, please don’t read this as such. Here we try to illustrate the project’s impact on breaking boundaries for us, and how this reflects on our beliefs, impressions, and concerns for justice. Our editorial is, of course, just our reflection on the stories herein. A reflection that is itself both partial and unstable. Tomorrow we will see something else in the stories and accounts. We hope you will too.

It is so frequently mentioned, it seems obvious: we are social creatures. But new meanings emerged regarding our need and desire for connection during the pandemic. Community accessibility shifted and we lost attachments we took for granted, hadn’t acknowledged, and hadn’t fully honoured regarding their significance to our well-being. We grieved, and still do, the loss of communities we hardly saw as communities, or communities we saw as outside us. Communities we didn’t consider ourselves to be part of – but clearly were. The community within a restaurant or bar or coffee house or theatre

or organizational space became part of broad sharing of stories and lives, creating fundamental connections. Our social world of universities, colleagues and students become part of us as we traverse cities, locales and spaces. Within COVID times longing to be with others also generated fear. The fear of asymptomatic transmitters, outsiders and non-mask wearers. As we rethink our boundaries, how do we break the isolation? How do we break binary “us” and “them” structures to include all in our community? COVID illustrated once again we are only safe if we all are; we are globally connected, not individual automatons. As the rhythm and blues song by Mann, Weil, and Russell states, “None of us are free, one of us are chained” (1993).

In the stories told, expressions of shock within working, family and environmental situations unfolded, impacting lives in communities of learning: universities in which we work. Our students lost so much. Academic learning of course, but also a *raison d’etre* of university life, opportunities for new and independent ways of being where different relationships, personal development and life connections reside. Is there reason for optimism in terms of a disruption of the status quo? Can we break the boundary tradition of universities? Can the disruption help us to see ways to move to more enlightened and more critical forms of leading students to learning? A move from the professor/lecture centred “sage on a stage” to a more student centred and more problematised and less technical accounting education? An education more aligned with social need and future work beyond the technical?

Some stories of boundaries broken bring to mind the damage to meaningful parts of life and

economies such as arts and leisure sectors. Much of COVID's devastation inhabited these arenas of our lives, such as the performing arts, including musicians (including friends and professional musicians I, Greg, play with as an amateur). This sphere of life is fundamental to creativity, vision, and imagination as *Breaking Boundaries* illustrates.

Fifty years ago, a significant rallying cry called out "the personal is political". This activist message proclaimed "it's all related". For example, individual (personal) rights are linked to the politics of health care, and social, economic, cultural and environmental issues are all interrelated. The whole shebang, the whole thing, everything is included, impactful and linked. One poignant and bizarre instance unfolded when wearing a mask, in our minds a merciful act of caring for others as that's what the scientific data tells us, for others not wearing masks became a political act of defiance.

During the pandemic supporting "Black Lives Matter" recognized there was violence and racial profiling not only in police enforcement but manifesting in health care and morbidity disparities. While blacks comprise 13% of the US population, they account for approximately 40% of coronavirus related deaths in the US and the situation in the UK is similar. Contemplating complex relationships between discrimination and power we painfully considered, why is there such disparity and unfairness? Discrimination was revealed in classism; who must work; who is stocking shelves, delivering food or sitting comfy at a computer. Aptly we felt guilt and sensitivity regarding privilege. So many issues to ponder and so much suffering to experience. We have continuously contemplated on our vulnerability, interconnectedness, impact and fragility.

In spite of our grief, compiling *Breaking Boundaries* has opened our hearts and touched us deeply. It has highlighted the fragility of what we are and has stretched us to reconsider values, perspectives and what we know ourselves to be. The beauty of the offerings, the range of insights, and the honesty of contributors moved us in profound ways. Our own transformation unfolded, for which we are very grateful. Inclusiveness, messiness and breaking boundaries has been both challenging and enlightening. We are moved by the depth, grace, honesty and range of contributions and by the immense commitment and wisdom of our co-editors. The offerings in this book shine a vibrant light, illustrating the strength, power and gift of human expression and that our imaginations have no boundary, but rather are infinite, dynamic and fundamental to our shared future.

References

Mann, B. Weil, C. Gordon, R. (1993) *None Of Us Are Free* lyrics © Geffen Music, Rutland Road Music, Dyad Music, Dyad Music Ltd.

de Cheryl Lehman & Greg Stoner

L'imagination ne connaît pas de frontières

Français

Rompre les barrières a été un projet d'exploration des limites personnelles, comportementales et de croyance qui ont besoin d'être perturbées et éclairées. Une limite importante contestée dans cette collection concerne les moyens de communication, en particulier dans les « publications académiques ». En remettant en question la domination des textes écrits et de la langue anglaise en matière d'estime et de statut, ce livre brise non seulement l'hégémonie de l'anglais, mais aussi celle du mot écrit. En brisant cette frontière de communication, nous éclairons la façon dont la recherche, les idées, la responsabilité et la justice sont représentées dans un monde COVID, donnant voix à la diversité, à la transformation, à la vulnérabilité et aux relations de pouvoir. Cela rend également la rédaction de cet éditorial inconfortable, car il pourrait être lu comme une façon de rendre cette diversité en une seule voix. Ce n'est pas ce que nous voulons faire ici, ne le lisez pas comme tel. Nous essayons ici d'illustrer l'impact du projet sur la rupture des frontières pour nous, et comment cela se reflète sur nos croyances, nos impressions et nos préoccupations en matière de justice. Notre éditorial n'est, bien sûr, que notre réflexion sur les histoires présentées ici. Une réflexion qui est elle-même à la fois partielle et instable. Demain, nous verrons autre chose dans ces histoires et ces récits. Nous espérons qu'il en sera de même pour vous.

On le dit si souvent qu'il semble évident : nous sommes des créatures sociales. Mais de nouvelles significations sont apparues concernant notre besoin et notre désir de connexion pendant la pandémie. L'accessibilité de la communauté a changé et nous avons perdu des liens que nous tenions pour acquis, que nous n'avions pas reconnus et que nous n'avions pas pleinement

honorés quant à leur importance pour notre bien-être. Nous avons pleuré, et pleurons encore, la perte de communautés que nous ne considérons guère comme des communautés, ou que nous considérons comme extérieures à nous. Des communautés dont nous ne considérons pas faire partie, mais dont nous faisons clairement partie. La communauté au sein d'un restaurant, d'un bar, d'un café, d'un théâtre ou d'un espace organisationnel est devenue une partie d'un vaste partage d'histoires et de vies, créant des connexions fondamentales. Notre monde social d'universités, de collègues et d'étudiants fait partie de nous lorsque nous traversons des villes, des lieux et des espaces. Au sein du COVID, l'envie d'être avec les autres a également engendré la peur. La peur des transmetteurs asymptomatiques, des étrangers et des personnes qui ne portent pas de masque. Alors que nous repensons nos frontières, comment rompre l'isolement ? Comment briser les structures binaires « nous » et « eux » pour inclure tout le monde dans notre communauté ? COVID a illustré une fois de plus que nous ne sommes en sécurité que si nous le sommes tous; nous sommes connectés au niveau mondial, pas des automates individuels. Comme le dit la chanson de *rhythm and blues* de Mann, Weil et Russell, « Aucun de nous n'est libre, chacun de nous est enchaîné » (1993).

Dans les histoires racontées, les expressions de choc au sein de situations professionnelles, familiales et environnementales se sont déployées, impactant les vies dans les communautés d'apprentissage : les universités dans lesquelles nous travaillons. Nos étudiants ont perdu beaucoup de choses. L'apprentissage académique bien sûr, mais aussi la raison d'être de la vie universitaire, les opportunités de nouvelles façons d'être

indépendantes où résident des relations différentes, le développement personnel et les connexions de vie. Y a-t-il des raisons d'être optimiste en termes de bouleversement du statu quo ? Pouvons-nous briser les frontières traditionnelles des universités ? La perturbation peut-elle nous aider à voir des moyens de passer à des formes plus éclairées et plus critiques d'amener les étudiants à apprendre ? Un passage du « sage sur scène », centré sur le professeur et la conférence, à un enseignement comptable plus centré sur l'étudiant, plus problématisé et moins technique ? Un enseignement plus en phase avec les besoins sociaux et les travaux futurs, au-delà de la technique ?

Certaines histoires de frontières brisées nous rappellent les dommages causés à des parties significatives de la vie et de l'économie, comme les secteurs des arts et des loisirs. Une grande partie de la dévastation du COVID a habité ces domaines de nos vies, comme les arts du spectacle, y compris les musiciens (y compris les amis et les musiciens professionnels avec lesquels je, Greg, joue en tant qu'amateur). Cette sphère de vie est fondamentale pour la créativité, la vision et l'imagination, comme l'illustre Rompre les barrières.

Il y a cinquante ans, un important cri de ralliement s'intitulait « le personnel est politique ». Ce message militant proclamait que « tout est lié ». Par exemple, les droits individuels (personnels) sont liés à la politique des soins de santé, et les questions sociales, économiques, culturelles et environnementales sont toutes interdépendantes. Tout le toutim, tout le truc, tout est inclus, tout a un impact et tout est lié. Un cas poignant et bizarre s'est produit lorsque le port d'un masque, dans notre esprit un acte miséricordieux de soin pour les autres car c'est ce que les données scientifiques

nous disent, pour d'autres ne portant pas de masque est devenu un acte politique de défi.

Au cours de la pandémie, le mouvement « Black Lives Matter » a reconnu qu'il y avait de la violence et du profilage racial, non seulement dans le maintien de l'ordre, mais aussi dans les soins de santé et les disparités de morbidité. Alors que les Noirs représentent 13 % de la population américaine, ils sont responsables d'environ 40 % des décès liés au coronavirus aux États-Unis et la situation est similaire au Royaume-Uni. En contemplant les relations complexes entre la discrimination et le pouvoir, nous nous sommes douloureusement demandé pourquoi il existe une telle disparité et une telle injustice. La discrimination s'est révélée dans le classisme; qui doit travailler; qui stocke les étagères, qui livre de la nourriture ou est assis confortablement devant un ordinateur. À juste titre, nous avons ressenti de la culpabilité et de la sensibilité à l'égard des privilèges. Tant de questions à méditer et tant de souffrances à vivre. Nous avons continuellement réfléchi à notre vulnérabilité, notre interconnexion, notre impact et notre fragilité.

En dépit de notre chagrin, la compilation de Rompre les barrières nous a ouvert le cœur et nous a profondément touchés. Elle a mis en évidence la fragilité de ce que nous sommes et nous a poussés à reconsidérer nos valeurs, nos perspectives et ce que nous savons être. La beauté des propositions, la diversité des points de vue et l'honnêteté des contributeurs nous ont profondément touchés. Notre propre transformation s'est déroulée, et nous en sommes très reconnaissants. L'inclusion, le désordre et le dépassement des limites ont été à la fois un défi et une source d'inspiration. Nous sommes émus par la profondeur, la grâce, l'honnêteté et la diversité des contributions, ainsi que par l'immense engagement et la

sagesse de nos co-éditeurs. Les propositions contenues dans ce livre brillent d'une lumière éclatante, illustrant la force, le pouvoir et le don de l'expression humaine et montrant que notre imagination n'a pas de limites, mais qu'elle est au contraire infinie, dynamique et fondamentale pour notre avenir commun.

Références

Mann, B. Weil, C. Gordon, R. (1993) None Of Us Are Free lyrics © Geffen Music, Rutland Road Music, Dyad Music, Dyad Music Ltd.

de Cheryl Lehman & Greg Stoner

Imaginações não têm limites

Português

Rompendo Barreiras tem sido um projeto para explorar as barreiras pessoais, comportamentais e de crenças que precisavam de disrupção e clarificação. Uma das principais barreiras contestadas nessa coletânea é a forma de se comunicar, principalmente no que diz respeito às “publicações acadêmicas”. Este livro não desafia apenas a hegemonia da língua inglesa, mas também das palavras “escritas”. Ao romper essa fronteira comunicativa, nós demonstramos como a pesquisa, a inquietação, as ideias, a responsabilidade e a justiça estão representadas em um mundo que enfrenta a pandemia de COVID-19, dando voz à diversidade, transformação, vulnerabilidade e relações de poder. Ao mesmo tempo, torna a escrita desse editorial desconfortável, dado que ela poderia ser vista como uma tentativa de reduzir toda essa diversidade à uma única voz. Esse não é nosso intuito, por favor não entenda esse editorial dessa maneira. Aqui tentamos ilustrar o impacto desse projeto em quebrar barreiras para nós e como esse impacto reflete em nossas crenças, impressões e preocupações acerca da justiça. O nosso editorial é, evidentemente, apenas a nossa reflexão sobre as histórias aqui conti(a)das. Uma reflexão que é, ela própria, parcial e instável. Amanhã veremos algo mais nas histórias e relatos. Esperamos que também vejam.

É tão frequentemente mencionado, que parece óbvio: somos seres sociais. Mas novos significados emergiram sobre a nossa necessidade e desejo por conexão durante essa pandemia. Nosso acesso às comunidades mudou e nós perdemos vínculos que tínhamos como certos e garantidos, cujo significado para o nosso bem-estar não tínhamos reconhecido e honrado plenamente. Estávamos – na verdade

ainda estamos – de luto pela perda de comunidades que dificilmente víamos como comunidades, ou comunidades que víamos como externas a nós. Comunidades das quais considerávamos não ser parte, pensávamos não pertencer, mas que claramente pertencíamos. A comunidade em um restaurante, ou bar, ou cafeteria, ou teatro ou de qualquer espaço organizacional, tornou-se parte de um amplo compartilhamento de histórias e vidas, criando conexões fundamentais. Nosso mundo social de universidades, colegas e estudantes torna-se parte de nós à medida que atravessamos cidades, locais e espaços. Durante a pandemia de Covid, o desejo de estar com as pessoas também gerou o medo. O medo de doentes assintomáticos, de pessoas desconhecidas e de pessoas que não usam máscaras. Ao repensarmos nossas barreiras, como rompemos o isolamento? Como rompemos o binarismo entre “nós” e “eles” para incluirmos todos, todes e todas em nossa comunidade? A COVID ilustrou mais uma vez que nós só estamos seguros se todos estivermos; nós somos globalmente conectados, e não autómatos individuais. Como diz a canção de Mann, Weil, e Russell (1993), “Nenhum de nós é livre, se um de nós está acorrentado”.

Nas histórias contadas, estão as expressões de choque que se desdobraram nos ambientes de trabalho, familiar e no meio ambiente, impactando nossas vidas em nossas comunidades de aprendizagem: as universidades em que trabalhamos. Nossos estudantes perderam muito. Perderam parte da aprendizagem acadêmica, claro, mas também a *raison d'être* da vida universitária, as oportunidades para novas e independentes formas de existir nas quais residem diferentes relacionamentos, desenvolvimento pessoal e conexões de vida. Existem motivos para

acreditar numa disrupção do status quo? Podemos romper as tradicionais barreiras das universidades? Essa disrupção pode nos ajudar a ver novas maneiras mais esclarecidas e críticas acerca de guiar os estudantes para a aprendizagem? Um movimento do professor/aula centrado no “sábio no palco” para o ensino de contabilidade mais centrado no estudante mais problematizador e menos técnico? Uma educação mais alinhada com as necessidades sociais e o futuro da profissão que transcende o tecnicismo?

Algumas histórias acerca das barreiras rompidas trazem à mente os prejuízos sofridos por partes significativas da vida e economias como nos setores de arte e lazer. Uma grande parte da devastação trazida pela Covid invadiu essas arenas da nossas vidas, tais como as artes performativas, incluindo músicos (amigos e músicos profissionais com quem eu, Greg, toco como amador). Esta esfera da vida é fundamental para a criatividade, visão e imaginação, como ilustra a coletânea *Rompendo Barreiras*.

Há cinquenta anos, uma mobilização significativa nos alertou que “o pessoal é político”. Essa mensagem ativista proclama que “tudo está relacionado”. Por exemplo, direitos individuais (pessoais) estão relacionados às políticas de saúde, sociais, econômicas, culturais, assim como se relaciona com as questões ambientais. Um exemplo pungente e bizarro desdobrou-se ao usar uma máscara, na nossa mente um ato benevolente de cuidado com os outros, pois é isso que os dados científicos nos dizem, para outros que não usam máscaras, tornou-se um ato político de desafio.

Durante a pandemia, o apoio ao movimento “Black Lives Matter” (Vidas Negras Importam) reconheceu que havia violência e perfilamento racial não somente na aplicação da força policial mas manifestando-se no

sistema de saúde e nas disparidades na morbidade. Enquanto a população negra dos EUA equivale a 13% da população total, ela representa 40% das mortes decorrentes de COVID-19 nos EUA e a situação no Reino Unido é semelhante. Ao contemplar as relações complexas entre discriminação e poder que dolorosamente questionamos, por que é existe tanta disparidade e injustiça? A discriminação foi revelada no classismo; quem deve trabalhar; quem está abastecendo as prateleiras dos supermercados, entregando comida ou sentado confortavelmente ao computador. Acertadamente, sentimos culpa e sensibilidade em relação ao privilégio. Tantas questões a ponderar e tanto sofrimento a experimentar. Temos contemplado continuamente a nossa vulnerabilidade, interconectividade, impacto e fragilidade.

Apesar do nosso pesar, a compilação do *Rompendo Barreiras* abriu os nossos corações e nos sensibilizou profundamente. Realçou a fragilidade daquilo que nós somos e nos fez reconsiderar valores, perspectivas e aquilo que nós sabemos ser. A beleza das contribuições, o leque de possibilidades, e a honestidade dos colaboradores e colaboradoras nos comoveu de forma profunda. A nossa própria transformação foi um desdobramento, pelo que somos profundamente agradecidos e agradecidas. A inclusão, a confusão e o rompimento de barreiras tem sido simultaneamente desafiador e esclarecedor. Estamos comovidos pela profundidade, graça, honestidade e variedade das contribuições e pelo imenso empenho e sabedoria dos nossos co-editores e co-editoras. As contribuições neste livro brilham com uma luz vibrante, ilustrando a força, poder e dom da expressão humana e que a nossa imaginação não tem barreiras, mas são sim infinitas, dinâmicas e fundamentais para o nosso futuro compartilhado.

Referências

Mann, B. Weil, C. Gordon, R. (1993) None Of Us Are Free lyrics © Geffen Music, Rutland Road Music, Dyad Music, Dyad Music Ltd.

de Cheryl Lehman & Greg Stoner

La imaginación no tiene límites

Español

Rompiendo Fronteras ha sido un proyecto de exploración de los límites personales, de comportamiento y de creencias que necesitan ser alterados e iluminados. Uno de los límites más importantes que se cuestionan en esta colección es el de los medios de comunicación, especialmente en las “publicaciones académicas”. Este libro rompe no solo la hegemonía del inglés, sino también la de la palabra escrita, desafiando el dominio de ambos como muestra de estatus. Al romper esta frontera de la comunicación, se muestra cómo se representan la investigación, las ideas, la responsabilidad y la justicia en un mundo con COVID, dando voz a la diversidad, la transformación, la vulnerabilidad y las relaciones de poder. Esta situación también hace que escribir esta editorial sea una labor difícil, ya que podría leerse como una forma de convertir dicha diversidad en una sola voz; no es eso lo que pretendemos hacer aquí y pedimos que por favor no lo lean como tal. Aquí tratamos de ilustrar el impacto del proyecto en la ruptura de fronteras para nosotros y cómo esto se refleja en nuestras creencias, impresiones y preocupaciones por la justicia. Nuestra editorial es, por supuesto, sólo nuestra reflexión sobre los relatos aquí expuestos. Una reflexión que es a la vez parcial e inestable. Seguramente el día de mañana veremos algo más en las historias y relatos, y esperamos que usted también lo haga.

Se menciona con tanta frecuencia que parece obvio: somos criaturas sociales; no obstante, durante la pandemia surgieron nuevos significados sobre nuestra necesidad y deseo de conexión. La accesibilidad de la comunidad cambió y perdimos vínculos que dábamos por sentados, que no habíamos reconocido y que no habíamos honrado plenamente su importancia para nuestro

bienestar. Hicimos duelo (y todavía lo hacemos) sobre la pérdida de comunidades que difícilmente veíamos como tales, o aquellas que veíamos como ajenas a nosotros. Comunidades de las que no nos considerábamos parte, pero que claramente lo éramos. La comunidad dentro de un restaurante o un bar o una cafetería o un teatro o un espacio organizativo se convirtió en parte de un amplio intercambio de historias y vidas, creando conexiones fundamentales. Nuestro mundo social de universidades, colegas y estudiantes se convirtió en parte de nosotros mientras atravesábamos ciudades y espacios. En los tiempos del COVID, el anhelo de estar con otros también generó miedo: el miedo a los transmisores asintomáticos, a los forasteros y a los que no llevaban máscara. Al repensar nuestros límites, ¿cómo rompemos el aislamiento? ¿cómo rompemos las estructuras binarias de “nosotros” y “ellos” para incluir a todos en nuestra comunidad? El COVID demostró una vez más que sólo estamos seguros si todos lo estamos; estamos conectados globalmente, no somos autómatas individuales. Como dice la canción de *rhythm and blues* de Mann, Weil y Russell: “Ninguno de nosotros es libre, uno de nosotros está encadenado” (1993).

En las historias contadas, se desplegaron expresiones de conmoción dentro de situaciones laborales, familiares y ambientales, que impactaron en las vidas de las comunidades de aprendizaje: las universidades en las que trabajamos. Nuestros estudiantes perdieron mucho, no solo en términos del aprendizaje académico, sino también la razón de ser de la vida universitaria, de las oportunidades de generar formas de ser nuevas e independientes en las que residen las diferentes relaciones, el desarrollo personal y las conexiones vitales. ¿Hay

motivos para el optimismo en cuanto a la alteración del status quo? ¿Podemos romper la tradición de límites de las universidades? ¿Puede la disrupción ayudarnos a ver formas más ilustradas y más críticas de conducir a los estudiantes al aprendizaje? ¿Se puede pasar del “sabio en el escenario” centrado en el profesor/conferencista a una educación contable más centrada en el estudiante, más problematizada y menos técnica? ¿Una educación más alineada con las necesidades sociales más allá de lo técnico?

Algunas historias de ruptura de fronteras nos traen a la mente el daño a elementos significativos de la vida y de las economías, como los sectores de las artes y el ocio. Gran parte de la devastación del COVID afectó estos ámbitos de nuestras vidas, como las artes escénicas e inclusive a los músicos (entre ellos amigos y profesionales con los que yo, Greg, toco como aficionado). Esta esfera de la vida es fundamental para la creatividad, la visión y la imaginación, como lo ilustra Rompiendo Fronteras.

Hace cincuenta años, un importante grito de guerra proclamaba que “lo personal es político”. Este mensaje activista proclamaba que “todo está relacionado”, por ejemplo, los derechos individuales (personales) están vinculados a la política de la atención sanitaria y las cuestiones sociales, económicas, culturales y medioambientales están todas interrelacionadas. Todo el asunto, el conjunto, todo está incluido, tiene impacto y está relacionado. Un caso conmovedor y extraño que demostraba esto fue llevar una máscara (mascarilla o tapabocas), lo cual en nuestra mente se configuró como un acto misericordioso de cuidado de los demás ya que eso es lo que nos dicen los datos científicos. Y a su vez, para otros el no llevar máscaras se convirtió en un acto político de desafío.

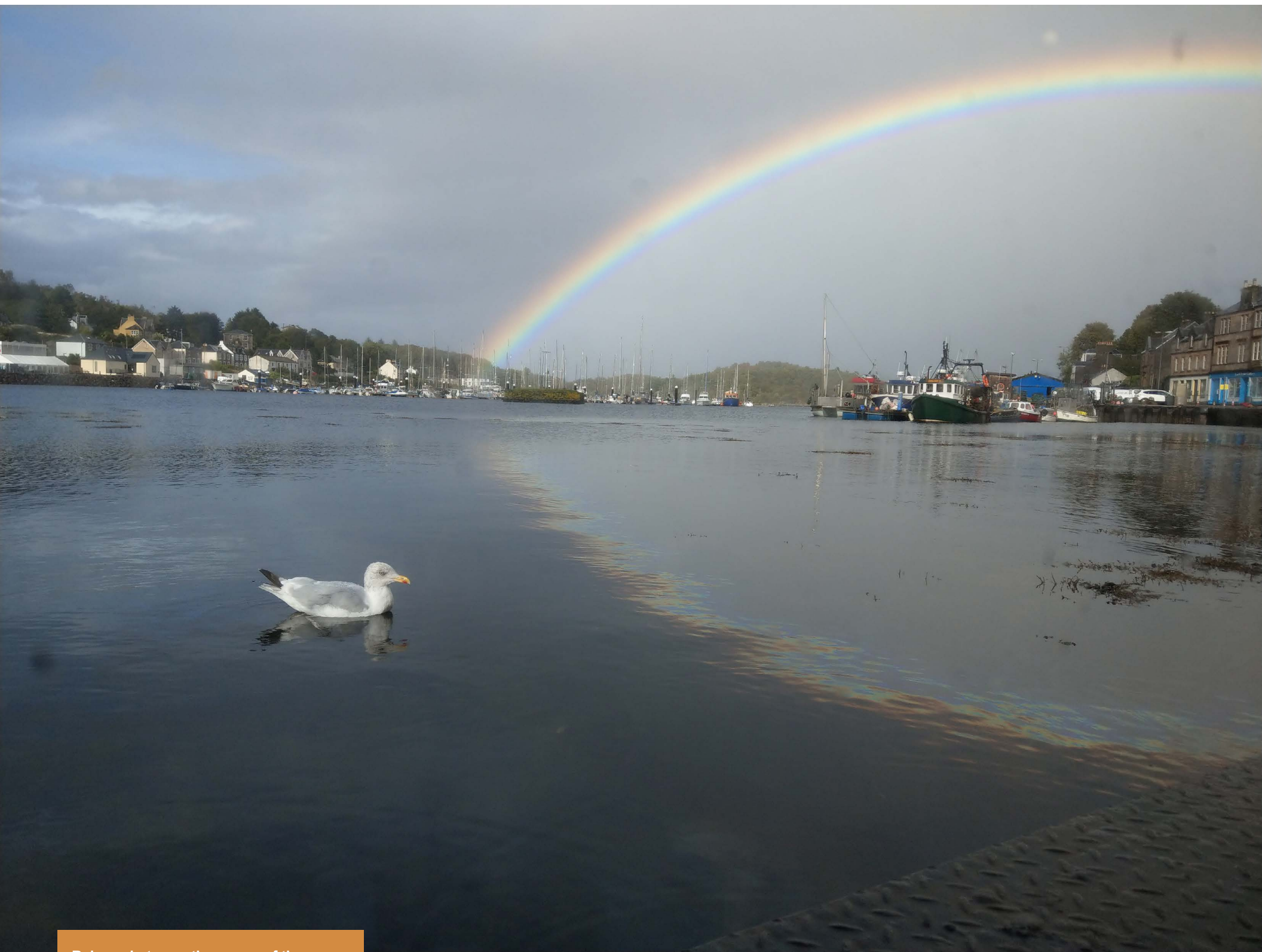
Durante la pandemia, en el marco del movimiento “Black Lives Matter” se reconoció que había violencia y perfilaciones raciales no sólo en las actuaciones policiales, sino que también se manifestaba en las disparidades en la atención sanitaria y la morbilidad. Aunque los negros representan el 13% de la población estadounidense, son responsables de aproximadamente el 40% de las muertes relacionadas con el coronavirus en Estados Unidos, y la situación en el Reino Unido es similar. Es así como contemplando las complejas relaciones entre la discriminación y el poder, nos preguntamos dolorosamente por qué hay tanta disparidad e injusticia. La discriminación se puso de manifiesto en el clasismo: quién debe trabajar, quién repone los estantes, reparte comida o quién se sienta cómodamente ante un ordenador. Nos sentimos culpables y sensibles ante los privilegios. Hay tantas cuestiones sobre las cuales reflexionar y tanto sufrimiento que experimentar. Hemos contemplado continuamente nuestra vulnerabilidad, interconexión, impacto y fragilidad.

A pesar de nuestro dolor, la recopilación de Rompiendo Fronteras nos ha abierto el corazón y nos ha tocado profundamente. Ha puesto de manifiesto la fragilidad de lo que somos y nos ha llevado a reconsiderar los valores, las perspectivas y lo que sabemos que somos. La belleza de las propuestas, la variedad de ideas y la honestidad de los colaboradores nos han conmovido profundamente. Nuestra propia transformación se desarrolló, por lo cual estamos muy agradecidos. La inclusión, el desorden y la ruptura de los límites han sido tanto un reto como una iluminación. Estamos conmovidos por la profundidad, la gracia, la honestidad y la variedad de las contribuciones, así como por el inmenso compromiso y la sabiduría de nuestros coeditores. Las propuestas de este libro brillan con una luz vibrante, ilustrando la

fuerza, el poder y el don de la expresión humana y que nuestra imaginación no tiene límites, sino que es infinita, dinámica y fundamental para nuestro futuro compartido.

Referencias

Mann, B. Weil, C. Gordon, R. (1993) None Of Us Are Free lyrics © Geffen Music, Rutland Road Music, Dyad Music, Dyad Music Ltd.



**Release between the waves of the
pandemic – Tarbert, Argyll, Scotland, UK**

Submitted by: Greg Stoner
Credit: Greg Stoner

